

GAIL HONEYMAN

A EDUCAÇÃO
DE ELEANOR

Tradução de Elsa T. S. Vieira

Dias bons

1

Quando as pessoas – taxistas, higienistas orais – me perguntam o que faço, respondo-lhes que trabalho num escritório. Em quase nove anos, nunca ninguém quis saber que tipo de escritório é, nem qual o trabalho que lá faço. Não consigo decidir se é porque encaixo na perfeição na ideia que têm de uma empregada de escritório, ou porque as pessoas ouvem a expressão «empregado de escritório» e preenchem sozinhas os espaços em branco de forma automática – uma senhora a tirar fotocópias, um homem a escrever no teclado do computador. Não estou a queixar-me. Fico feliz por não ter de detalhar as minúcias fascinantes das contas a receber. Quando comecei a trabalhar aqui, sempre que alguém perguntava, respondia que trabalhava numa empresa de *design* gráfico, mas isso fazia com que partissem do princípio que eu era do tipo criativo. Cansei-me de ver os seus olhos desfocarem-se quando explicava que só fazia trabalho de escritório básico, que não usava as canetas de ponta fina e os programas sofisticados.

Tenho agora quase trinta anos e trabalho aqui desde os vinte e um. Bob, o dono, contratou-me não muito tempo depois de o escritório abrir. Acho que teve pena de mim. Eu tinha uma licenciatura em Clássicas e praticamente nenhuma experiência de trabalho, e apareci na entrevista com um olho negro, dois dentes partidos e um braço fraturado. Talvez ele tenha pressentido, na altura, que eu nunca teria aspirações a ser mais do que uma empregada de escritório mal paga, que me daria por satisfeita em ficar na empresa e lhe pouparia o trabalho de ter de recrutar alguém para me substituir. Talvez tenha

percebido também que eu nunca precisaria de me ausentar em lua de mel ou licença de maternidade. Não sei.

No escritório temos um sistema hierárquico de dois níveis: os criativos são as estrelas do filme e os restantes, meros atores secundários. Basta olhar para cada um para perceber a que categoria pertence. Para ser justa, isso tem muito a ver com os ordenados. O pessoal do escritório recebe uma miséria, por isso não podemos gastar muito em cortes de cabelo elegantes e óculos da moda. Roupas, música, *gadgets* – embora os *designers* estejam desesperados por serem vistos como livres-pensadores com ideias únicas, todos aderem a um uniforme rígido. Pessoalmente, não tenho qualquer interesse por *design* gráfico. Trabalho na contabilidade. Na verdade, podia estar a emitir faturas para qualquer coisa: armamento, *Rohypnol*, cocos.

De segunda a sexta-feira, entro às oito e meia da manhã. Tenho uma hora de almoço. Costumava trazer sanduíches, mas a comida acabava sempre por se estragar antes que eu a conseguisse consumir, por isso agora compro qualquer coisa na rua. À sexta-feira, termino sempre a hora de almoço com uma visita à Marks and Spencer, que é uma boa forma de concluir a semana. Sento-me na sala dos funcionários com a minha sanduíche, leio o jornal da primeira à última página e depois faço as palavras-cruzadas. Compro o *Daily Telegraph* não porque goste do periódico por aí além, mas porque tem as melhores palavras-cruzadas. Não falo com ninguém – depois de comprar a sanduíche, ler o jornal e acabar as palavras-cruzadas, a hora de almoço está praticamente no fim. Volto para a minha secretária e trabalho até às cinco e meia da tarde. Demoro meia hora de autocarro até casa.

Faço o jantar e como enquanto oiço a radionovela *The Archers*. Geralmente, faço massa com molho *pesto* e salada – só sujo um tacho e um prato. Tive uma infância repleta de contradições culinárias, e, ao longo dos anos, tão depressa jantava vieiras apanhadas à mão como refeições pré-cozinhadas. Depois de muita reflexão sobre os aspetos políticos e sociológicos da cozinha, percebi que não tenho qualquer interesse por comida. Dou preferência ao género de ração que seja barata, rápida e simples de adquirir e preparar, fornecendo ao mesmo tempo os nutrientes necessários para manter uma pessoa viva.

Depois de arrumar a cozinha leio um livro, ou vejo televisão se o *Telegraph* tiver recomendado algum programa para esse dia. Por norma (isto é, sempre) falo com a mamã às quartas-feiras à noite, durante cerca de quinze minutos. Vou para a cama por volta das dez, leio meia hora e depois apago a luz. Regra geral, não tenho dificuldade em adormecer.

Às sextas, não apanho o autocarro diretamente para casa depois do trabalho. Vou ao supermercado Tesco Metro da esquina e compro uma piza *margherita*, uma garrafa de *Chianti* e duas garrafas grandes de vodca *Glen's*. Quando chego a casa, como a piza e bebo o vinho. A seguir, a vodca. À sexta-feira não preciso de muito, bastam alguns goles generosos. Costumo acordar no sofá por volta das três da manhã e é a essa hora que me arrasto até à cama, meia a dormir. Bebo o resto da vodca durante o fim de semana, distribuída pelos dois dias, de modo a nunca estar nem bêbada nem sóbria. A segunda-feira demora que tempos a chegar.

O meu telefone não toca muitas vezes – dou sempre um salto quando isso acontece – e costumam ser pessoas a querer vender seguros. Sussurro-lhes: «Sei onde vives»; e desligo o telefone muito devagarinho. Este ano ainda não esteve ninguém no meu apartamento além de profissionais; não convidei nenhum ser humano a ultrapassar a ombreira da porta, exceto para ler o contador. Parece impossível, não parece? Mas é verdade. Eu existo mesmo, não existo? Muitas vezes, sinto-me como se não estivesse aqui, como se fosse um fragmento da minha própria imaginação. Há dias em que me sinto tão pouco ligada à Terra que as amarras que me prendem ao planeta são finas como teias, como fios de açúcar. Uma rajada mais forte de vento podia soltar-me completamente e eu seria levada pelas correntes como uma semente de dente-de-leão.

Esses fios tornam-se um pouco mais fortes de segunda a sexta. As pessoas ligam para o escritório para discutir linhas de crédito, enviam-me *emails* sobre contratos e orçamentos. Os funcionários com quem partilho o espaço – Janey, Loretta, Bernadette e Billy – reparariam se eu não aparecesse. Ao fim de alguns dias (muitas vezes perguntei a mim própria quantos seriam precisos), ficariam preocupados por eu não ter dito nada – não é algo habitual em mim – e iriam procurar a

minha morada aos arquivos do pessoal. Calculo que acabariam por chamar a polícia, não? As autoridades arrombariam a porta do meu apartamento e entrariam, com a mão na boca, a conter os vômitos por causa do cheiro. Isso daria motivo de conversa no escritório. Eles odeiam-me, mas não me desejam a morte. Pelo menos, acho que não.

Ontem fui ao médico. Parece que a última vez tinha sido há séculos. Apanhei o médico mais novo, o tipo pálido e ruivo, o que me deixou satisfeita. Quanto mais novos são, mais recente é a sua formação, o que só pode ser bom. Detesto quando tenho consulta com a velha doutora Wilson; tem cerca de sessenta anos e não me parece que esteja muito a par dos mais recentes medicamentos e avanços da medicina. Mal sabe trabalhar com o computador.

O médico estava a fazer aquela coisa em que falam connosco sem olhar para nós, a ler o meu processo no ecrã, a carregar com cada vez mais frenesi nas teclas para andar para baixo.

– O que posso fazer por si desta vez, menina Oliphant?

– São as dores nas costas, doutor – informei. – Tenho estado muito mal. – Continuou a não olhar para mim.

– Há quanto tempo? – inquiriu.

– Um duas semanas – respondi.

Assentiu com a cabeça.

– Acho que sei o que está a causar o problema – continuei –, mas queria pedir a sua opinião.

Ele parou de ler e lá olhou para mim.

– E o que acha que lhe está a causar as dores nas costas, menina Oliphant?

– Acho que são os meus seios, doutor – expliquei-lhe.

– Os seus seios?

– Sim – confirmei. – Sabe, estive a pesá-los e pesam quase três quilos... os dois juntos, não é cada um! – Ri-me. Ele olhou para mim com uma expressão séria. – É muito peso para uma pessoa carregar constantemente, não é? – perguntei. – Quer dizer, se eu lhe prendesse três quilos de carne ao peito e o obrigasse a andar assim o dia todo, se calhar também lhe doíam as costas, não acha?

O médico olhou para mim e pigarreou.

– Como... Como é que?...

– Na balança da cozinha – respondi, com um aceno. – Simplesmente... pus uma em cima da balança. Não pesei as duas; presumi que teriam mais ou menos o mesmo peso. Não é um método muito científico, eu sei, mas...

– Vou passar-lhe uma receita para mais analgésicos, menina Oliphant – interrompeu ele, começando a escrever no computador.

– Mais fortes desta vez, por favor – pedi, com firmeza –, e muitos.

Já me tinham tentado enganar com doses minúsculas de aspirina. Precisava de medicamentos muitíssimo eficientes para juntar às minhas reservas.

– Posso pedir-lhe também uma receita do remédio para o eczema, por favor? Parece piorar em alturas de maior *stress*.

Ele nem se dignou a responder a este pedido educado, limitando-se a assentir com um aceno. Nenhum de nós falou enquanto a impressora cuspiu a papelada, que ele me entregou. Olhou de novo para o ecrã e recomeçou a escrever. Seguiu-se um silêncio embaraçoso. As capacidades sociais deste médico eram penosamente inadequadas, em particular tendo em conta que tinha de lidar com pessoas no seu trabalho.

– Então adeus, doutor – despedi-me. – Muito obrigada pelo seu tempo.

O meu tom passou-lhe completamente despercebido. Ao que parecia, continuava absorvido nos seus apontamentos. É o único lado negativo dos médicos mais novos: não têm jeito nenhum para lidar com pessoas.

Isto foi ontem de manhã, numa outra vida. Hoje, *depois*, o autocarro estava a andar bem no caminho para o escritório. Chovia e todos os passageiros pareciam infelicíssimos, encolhidos dentro dos seus sobretudos, com o hálito matinal a embaciar as janelas. A vida cintilava em direção a mim através das gotas de chuva no vidro, tremeluzindo, perfumada, por cima do fedor a roupas molhadas e pés húmidos.

Sempre me orgulhei muito de conseguir gerir a minha vida sozinha. Sou uma sobrevivente solitária: sou Eleanor Oliphant. Não

preciso de mais ninguém: não há nenhum grande vazio na minha vida, não falta peça nenhuma no meu *puzzle* particular. Sou uma entidade autónoma. Pelo menos, foi o que sempre assegurei a mim própria. Porém, ontem à noite, encontrei o amor da minha vida. Quando o vi entrar em palco, simplesmente *soube*. Ele trazia um chapéu muito elegante, mas não foi isso que me atraiu. Não; não sou assim tão superficial. Vestia um fato de três peças, com o botão de baixo do colete desabotoado. Um verdadeiro cavalheiro nunca abotoa o último botão, foi o que a mamã sempre garantiu – é um dos sinais a procurar, pois indica um homem sofisticado e elegante, da classe e posição social apropriadas. O rosto atraente, a voz... Enfim encontrara um homem que podia ser descrito, com algum grau de certeza, como «um bom partido».

A mamã ia ficar felicíssima.

2

No escritório havia aquela sensação palpável de boa disposição das sextas-feiras, com toda a gente a acreditar na mentira de que o fim de semana seria espantoso e de que, para a semana, o trabalho seria diferente, melhor. Esta gente nunca aprende. Para mim, contudo, as coisas *tinham* mudado. Não dormira muito mas, apesar disso, sentia-me bem, melhor, excelente. As pessoas dizem que quando encontramos «o tal», simplesmente sabemos. E tudo nesta ideia é verdade, até o facto de o destino o ter colocado no meu caminho numa quinta-feira à noite, pelo que agora o fim de semana se estendia à minha frente, convidativo, repleto de tempo e de promessas.

Era o último dia de um dos *designers* na empresa e, como de costume, a ocasião seria assinalada com vinho barato, cerveja cara e batatas fritas de pacote despejadas em tigelas de cereais. Com um pouco de sorte, a festa começaria cedo e eu poderia comparecer e, mesmo assim, sair a horas. *Tinha* de chegar às lojas antes da hora de fecho. Abri a porta e o frio do ar condicionado fez-me estremecer, apesar de ter o colete vestido. Billy estava a falar, rodeado pelos outros e de costas para mim; os restantes pareciam demasiado atentos para darem pela minha entrada.

– É maluca – declarou.

– Bom, que é maluca sabemos nós – acrescentou Janey –, isso nunca esteve em dúvida. A questão é: o que terá ela feito desta vez?

Billy soltou uma risada desdenhosa.

– Sabem que me convidou para ir ao estúpido do concerto, certo? Janey sorriu.

– A rifa anual que o Bob organiza com os brindes que os clientes lhe dão. Primeiro prémio, dois bilhetes. Segundo prémio, quatro bilhetes...

Billy suspirou.

– Pois. Uma noite de quinta-feira absolutamente horrorosa... Um concerto de caridade num *pub*, protagonizado pela equipa de *marketing* do nosso maior cliente, mais vários grupinhos constrangedores de amigos e família? E, para agravar a situação, com *ela*?

Todos se riram. Eu não pude discordar daquela avaliação; não fora propriamente uma noite de *glamour* e excessos dignos de um Gatsby.

– Na primeira parte havia só uma banda... Johnnie qualquer coisa e os Pilgrim Pioneers... e até nem eram maus de todo – continuou Billy. – Tocaram originais e algumas *covers* também, músicas antigas e clássicas.

– Eu conheço-o... Johnnie Lomond! – exclamou Bernadette. – Era do mesmo ano do meu irmão mais velho. Veio a uma festa em nossa casa uma vez, quando os meus pais estavam em Tenerife, mais alguns amigos do meu irmão. Se bem me lembro, entupiram o lavatório da casa de banho...

Virei costas, pois não queria ouvir falar das loucuras da juventude dele.

– Seja como for – prosseguiu Billy (eu já tinha reparado que ele não gostava de ser interrompido) –, ela *detestou* a banda. Ficou ali sentada, paralisada; não se mexeu, não bateu palmas, nada. Assim que acabaram, disse que tinha de ir para casa. Nem sequer aguentou até ao intervalo e tive de ficar ali sentado sozinho o resto do concerto, literalmente abandonado.

– Que pena, Billy... Sei que querias levá-la a beber um copo depois; talvez até dar um pezinho de dança – escarneceu Loretta, dando-lhe uma cotovelada.

– Muito engraçadinha, Loretta. Não, ela desapareceu num tiro. Já devia estar enfiada na cama, com uma caneca de cacau e uma revista feminina, antes de a banda acabar sequer de tocar.

– Oh, não sei porquê, mas não me parece que ela leia revistas femininas – notou Janey. – Deve preferir coisas muito mais esquisitas, muito mais estranhas. Sobre pesca? Autocaravanas?

– Não, cavalos – declarou Billy em tom firme –, e é assinante.
Todos se riram.
Na verdade, eu própria me ri desta.

Não estava à espera de que isto acontecesse ontem à noite, nem pouco mais ou menos. Ainda me atingiu com mais força por esse motivo. Sou uma pessoa que gosta de planejar as coisas como deve ser, de se preparar com tempo e de ser organizada. Isto surgiu do nada; foi como uma bofetada, um murro no estômago, uma queimadura.

Tinha convidado Billy para ir ao concerto comigo porque, como é a pessoa mais jovem do escritório, parti do princípio de que gostaria da música. Ouvi os outros a meterem-se com ele por causa disso quando pensavam que eu estava a almoçar. Eu nunca tinha ouvido falar de nenhuma das bandas. Ia apenas por uma noção de dever; ganhara os bilhetes nas rifas para caridade e sabia que as pessoas fariam perguntas no escritório.

Beberricámos vinho branco oxidado, quente e de sabor alterado pelos copos de plástico em que o *pub* nos obrigava a beber. Devem achar que somos selvagens! Billy insistira em pagar, em agradecimento pelo convite. Porém, eu não mantinha qualquer ilusão de que estávamos num encontro romântico. Só a ideia era ridícula.

As luzes baixaram de intensidade. Billy não queria ver as bandas de apoio, mas eu fui inflexível. Nunca se sabe se seremos testemunhas do nascimento de uma nova estrela, se alguém vai subir ao palco e incendiá-lo. E depois *ele* apareceu. Era luz e calor. Ardia. Tudo aquilo em que tocava seria modificado. Inclinei-me para a frente na cadeira, aproximando-me do palco. Finalmente. Encontrara-o.

Agora que o destino desvendara o meu futuro, eu *tinha* pura e simplesmente de saber mais sobre ele; o cantor, a resposta. Antes de atacar o horror que era as contas do final do mês, pensei em dar uma espreitadela rápida a alguns *sites* para ver quanto custaria um computador. Creio que podia ir ao escritório durante o fim de semana para usar um dos computadores do trabalho, mas havia um elevado risco de mais alguém aparecer e perguntar-me o que estava ali a fazer. Não estaria propriamente a quebrar nenhuma regra, mas ninguém

tem nada a ver com a minha vida, e não queria ter de explicar ao Bob porque viera trabalhar num fim de semana e mesmo assim não conseguira reduzir a pilha de faturas à espera de processamento. Além disso, em casa podia ir fazendo outras coisas ao mesmo tempo, como praticar os pratos que cozinaria no nosso primeiro jantar juntos. Há muitos anos, a mamã disse-me que os homens perdem a cabeça por folhados de salsicha. A melhor forma de conquistar o coração de um homem, assegurou-me, é um folhado de salsicha caseiro, a massa quente e estaladiça, carne de boa qualidade. Há anos que não cozinho mais nada a não ser esparguete. Nunca fiz um folhado de salsicha. No entanto, não me parece que seja assim tão difícil. É apenas massa folhada e carne picada.

Liguei o computador e introduzi a minha palavra-passe, mas o ecrã encravou. Desliguei e voltei a ligar o computador, e desta vez nem chegou ao ecrã da palavra-passe. Que chatice! Fui falar com Loretta, a gerente do escritório. Loretta tem ideias exageradas sobre as suas próprias capacidades administrativas e, no tempo livre, faz joias hediondas, que depois vende a idiotas. Informei-a de que o meu computador não estava a funcionar e que não conseguia falar com Danny da informática.

– O Danny foi-se embora, Eleanor – declarou Loretta, sem tirar os olhos do ecrã. – Agora temos um técnico novo. O Raymond Gibbons? Entrou o mês passado? – Disse-o como se eu devesse ter conhecimento. Ainda sem erguer os olhos, escreveu o nome e a extensão telefónica num *Post-it* e deu-mo.

– Muito obrigada, Loretta, foi extremamente prestável, como de costume – agradecei-lhe. Como é óbvio, a ironia passou-lhe despercebida.

Liguei para o número e atendeu-me o gravador:

– Olá, daqui fala o Raymond, mas *não* fala o Raymond. Como o gato de Schrödinger. Deixe uma mensagem após o sinal.

Abanei a cabeça, indignada, e falei lenta e claramente para o gravador.

– Bom dia, senhor Gibbons. Fala a menina Oliphant, a funcionária da contabilidade. O meu computador não está a funcionar e agradecei-lhe que arranjasse tempo para o ver ainda hoje. Se precisar de

mais pormenores, pode encontrar-me na extensão cinco-três-cinco. Muitíssimo obrigada.

Esperava que a minha mensagem clara e concisa lhe servisse de exemplo. Esperei dez minutos, arrumando a secretária para passar o tempo, mas ele não ligou. Depois de duas horas a arquivar papelada sem qualquer comunicação do Sr. Gibbons, decidi ir almoçar mais cedo. Passara-me pela cabeça que devia preparar-me fisicamente para um potencial encontro com o músico, nomeadamente com alguns melhoramentos. Seria melhor uma transformação de dentro para fora, ou deveria trabalhar de fora para dentro? Fiz uma lista mental de todo o trabalho relacionado com a aparência que tinha a fazer: cabelos (cabeça e corpo), unhas (mãos e pés), sobancelhas, celulite, dentes, cicatrizes... Todas estas coisas precisavam de ser atualizadas, realçadas, melhoradas. Por fim, decidi começar por fora e trabalhar em direção ao interior – afinal de contas, é o que acontece com mais frequência na natureza. A muda da pele, o renascimento. Animais, aves e insetos podem fornecer-nos revelações muito úteis. Sempre que não tenho a certeza do rumo a seguir, penso *O que faria um furão?* ou *Como é que uma salamandra reagiria a esta situação?* e encontro sempre a resposta certa.

Todos os dias, a caminho do trabalho, passo pelo salão de beleza Julie's Beauty Basket. Por sorte, tinham uma vaga de última hora. Demoraria cerca de vinte minutos, seria atendida por uma Kayla e custaria quarenta e cinco libras. Quarenta e cinco! Mas ele merecia-o, recordei a mim própria enquanto Kayla me conduzia a uma sala no piso de baixo. Tal como as demais funcionárias, Kayla vestia uma bata branca que fazia lembrar a do equipamento cirúrgico e calçava socas também brancas. Aprovei esta indumentária pseudo-médica. Entrámos numa sala acanhada e desconfortável, onde mal cabia uma marquesa, uma cadeira e uma mesinha.

– Muito bem – disse ela –, agora tem de despir as suas... – fez uma pausa e olhou para a metade inferior do meu corpo – ... ah, calças e a roupa interior, e subir para a marquesa. Pode ficar nua da cintura para baixo ou, se preferir, pode vestir isto. – Pousou um pequeno pacote em cima da marquesa. – Tape-se com a toalha e eu volto já, está bem?

Acenei afirmativamente. Não antecipara tanto veste e despe.